

tidão por parte do diretor proprietário, o qual, não podendo pagar aos seus escribas, vive a lhes aumentar regularmente os ordenados”(202).

Foi nesse quadro que, em 1901, apareceu o *Correio da Manhã*: “Foi para combater esse estado de coisas e restabelecer, na imprensa do país, aquele sentido patriótico que fez a glória de Evaristo e criou, por muito tempo, a autonomia do nosso povo, que um jovem advogado, cheio de audácia, de energia e de civismo, pensou em lançar, aqui, um periódico rompendo as normas que os outros, até então, haviam estabelecido, trincheira de ação ativa e patriótica, capaz de confundir, desbaratando, comendador e sua grei, folha exclusivamente nossa, onde se defendessem os conculcados interesses do povo que uma fatalidade histórica oprimia e humilhava. Era necessário, para isso, apenas, um aparelho economicamente independente e rigorosamente brasileiro, um grupo de auxiliares cheios de fé e de bravura pessoal. A gazeta devia ser sem apresentação de espalhafato, porém feita com muita honestidade de conduta, muita lisura naquilo que afirmasse, e, sobretudo, persistência e esperança no futuro. Esse advogado que, quando termina o século, não tem ainda trinta anos, chama-se Edmundo Bittencourt”(203). A 15 de junho de 1901, realmente, os pequenos jornalheiros apregoam o novo matutino, cuja redação ocupa o prédio em que antes funcionava a *Imprensa*, de Rui Barbosa.

O redator-chefe era Leão Veloso Filho (*Gil Vidal*); na secretaria, funcionava Heitor Melo; na redação, Vicente Piragibe, Antônio Sales, Osmundo Pimentel, João Itiberê da Cunha; os colaboradores mais destacados eram José Veríssimo, que fazia a crítica literária, Artur Azevedo, Carlos de Laet,

(202) Luís Edmundo: op. cit., págs. 1010/1013, III. Vivaldo Coaracy, que trabalhou na *Cidade do Rio*, em sua fase final, fixou os traços de Patrocínio, em retrato fidelíssimo: “Misto de luz radiante e de sombras trevosas, como o seu sangue era misto de branco e negro, sua personalidade se caracterizava pelos contrastes surpreendentes que oferecia e que muitas vezes deixavam perplexos os que o conheceram. Atingindo alturas geniais em dados momentos, noutros se revelava de uma simplicidade quase infantil. Capaz de atos de nobreza e de atitudes de raro desprendimento e dedicação, incidia por outro lado em fraquezas morais e erros de julgamento quase incompreensíveis. Expliquem os que quiserem a instabilidade de caráter pela sua condição de mestiço; o fato é que diante de Patrocínio não era possível uma atitude de indiferença. Havíamos de admirá-lo ou verberar-lhe a conduta. E muitas vezes as duas atitudes se confundiam e misturavam no espírito dos que vivemos na sua proximidade imediata, deixando-nos perplexos para formular um juízo. Adorado por uns, vilipendiado por outros, inspirava dedicação profunda e ódios azedos. Só ele, Patrocínio, se mantinha indiferente em meio do torvelinho de sentimentos que provocava. Mas, no fundo, com os seus erros e fraquezas tão humanas, até mesmo com os seus imperdoáveis deslizes, era um bom. Alma generosa e sentimental, nunca fez o mal pelo prazer do mal, nunca deixou de trazer o lenitivo da sua simpatia aos sofrimentos com que topava em seu caminho, nunca negou o apoio de seu entusiasmo exuberante às causas nobres. E era um fulgurante e raro talento que honrou a sua geração e a sua raça”. (Vivaldo Coaracy: op. cit., pág. 227).

(203) Luís Edmundo: op. cit., pág. 1061, III.